

**F R E
V O
N A
E S
C O L A**



UMA PESQUISA DE CORPO E DANÇA-EDUCAÇÃO



Por

LYANE MARCELLE
CAVALCANTE SANTOS*

JULIANA BITTENCOURT
MANHÃES**

Resumo

Esse artigo tem como objetivo pesquisar e refletir sobre a prática das danças brasileiras, como o Frevo, nas escolas de Pernambuco, mais especificamente nas escolas públicas de Jaboatão dos Guararapes, enfocando os processos de ensino-aprendizagem, coreografia, reconhecimento social, ancestralidade, consciência corporal, ritmo e afetividade em que as aulas de dança proporcionam aos alunos da educação básica. A pesquisa descreve as experiências vividas em sala de aula, utilizando metodologias que envolvem a educação somática, com técnicas de Feldenkrais e a espontaneidade do Frevo, com técnicas do mestre Nascimento do Passo. Esses procedimentos são considerados construtores das práticas pedagógicas, coreográficas e tradicionais em que a dança está inserida, junto ao reconhecimento das dimensões corporais e espirituais do aluno.

* Graduada em Artes Cênicas pela UFPE, arte educadora, passista, brincante, atriz e pesquisadora. Email: laysjecavalcante@hotmail.com

** Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO, brincante, dançarina, coreógrafa, pesquisadora e arte educadora. E-mail: manhaes.ju@gmail.com

INTRODUÇÃO

A dança na educação está encontrando seu espaço na maioria das escolas públicas do Brasil, desde a inserção de Arte como disciplina obrigatória nas escolas, segundo a LDB nº9394/96. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ela é indicada como uma linguagem a ser desenvolvida nas aulas de arte, estando descrita como uma das possibilidades de desenvolver a atenção; percepção do corpo e do movimento; senso de cooperação e solidariedade; respeito às diferenças culturais, comunicação e autoestima. Dentro dessas perspectivas, a dança deixou de ser executada apenas em aulas de educação física, com o objetivo de movimento e brincadeira. Atualmente, alguns professores com pesquisa em dança-educação, desenvolvem novas metodologias de ensino com o intuito de agregar valores estéticos, corporais e tradicionais da cultura brasileira em Pernambuco: “A dança ainda é entendida de forma equivocada por muitas escolas, que costumam apresentá-la somente nas datas comemorativas e na forma de reprodução de coreografias prontas” (Isabel Marques apud POLATO, 2008).

Ela vem sendo estudada nesse processo, pelo fato de muitos professores de dança estarem ocupando cada vez mais as aulas de arte das escolas municipais e estaduais do Brasil, pela abertura de concursos públicos para professores com formação específica. Esses pesquisadores reconhecem o estudo da dança que vai além da perspectiva de reprodução ou construção coreográfica e aprofundam suas práticas no valor estético e criador do aluno, que reconhece a dança, corporifica, desenvolve e a transforma na sua assinatura pessoal como “corpo que dança”.

Segundo Márcia Strazzacappa (2009), a dança tem encontrado espaço na escola através das aulas de arte e projetos:

A realização de projetos de ensino de dança em escolas deve ser incentivada, uma vez que a escola é uma instituição

reconhecida pela comunidade e tem infraestrutura física básica para sua concretização (salas de aulas e aparelho de som). Porém, para se evitar os riscos trazidos pela realização de projetos isolados, as escolas deveriam definitivamente incorporar o ensino de dança em sua grade curricular. Urge o reconhecimento do ensino de arte como atividade curricular escolar e a contratação de profissionais especializados. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) é clara ao situar o ensino de arte como componente curricular na educação básica, reconhecendo a importância das quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, teatro e música.

Assim, a dança está sendo utilizada e pesquisada para ajudar nos processos criativos e pedagógicos na escola, auxiliando não somente os professores de arte, mas também aos professores das outras disciplinas, realizando assim um processo interdisciplinar. Quando se trabalha uma dança popular, por exemplo, estamos pesquisando corpo, espaço, ritmo, direções, contexto histórico, pertencimento cultural, linguagem, afetividade e principalmente disciplina.

O Frevo entra nesse processo de pesquisa, relacionando as práticas culturais do estado com o trabalho estético dentro da escola e fazendo uma ponte entre pertencimento cultural e o espetáculo. Dentro desse universo, vemos que as aulas de arte e dança despertam o entendimento do universo da dança na educação básica para os alunos e os gestores, através de algumas práticas, como: são transformadoras de padrões orgânicos; Trabalham o resgate social de alunos que vivem em situação de violência com o estado e a família; Constroem laços de afetividade entre aluno e professor; Vivenciam o autoconhecimento corporal e estético da dança e do espetáculo; Auxiliam no reconhecimento do aluno como participante no processo de sociedade e na cura de algumas doenças como a depressão; Afirmam o universo do espetáculo e da tradição da dança.

O CORPO BRINCANTE NA EDUCAÇÃO

O corpo brincante é aquele que está presente na dança popular, se abrindo para as diversas possibilidades dela. No contexto escolar, a união entre o movimento e a sensibilidade cria uma ponte que liga o aluno à dança, pois quando ele adentra no universo dela, ele passa a se perceber como um ser consciente e criativo, desenvolvendo práticas coreográficas ou trabalhando com a sua percepção de improviso.

Dentro desse universo, alguns pensadores e bailarinos já vinham mostrando interesse em juntar dança e educação, acreditando que essa união seria de máxima importância para a construção pedagógica e estética do aluno. Segundo Isabel Marques, “Rudolf Laban (1990), foi um bailarino e coreógrafo italiano que questionava a importância da dança na escola, enfatizando a compreensão da dança a partir do entendimento do movimento”.

Nascimento do passo (Francisco do Nascimento Filho) aprendeu o frevo nos ensaios do clube Vassourinhas em Pernambuco e dedicou-se a “aprender o passo”. Preocupando-se em encontrar formas de ensinar o frevo, organizou sua compreensão da dança, criando uma metodologia de ensino dentro da ideia da Academia do Passo, que funcionava de forma itinerante, ocupando escolas públicas, praças e ruas. Ele já se preocupava com a questão da dança na educação desde os anos 80. (VICENTE, Valéria. 2009).

Hoje em dia, a dança na educação está ganhando espaço, mas ainda há muito o que se conquistar. Nessa pesquisa, venho problematizar as possibilidades existentes dentro da educação básica, sobre a dança nas aulas de arte das escolas públicas de Jaboatão dos Guararapes, onde sou Arte Educadora.

A partir das possibilidades das danças brasileiras, trago o Frevo como objeto de pesquisa para desenvolvê-lo no contexto escolar, cultural, tradicional e estético do espetáculo. Defendo assim, a dança na escola como ponte para trabalhar várias questões

sociais, tradicionais e afetivas.

As danças populares brasileiras afirmam o reconhecimento e a identidade cultural, já que o Frevo desperta o pertencimento ancestral da cultura do povo pernambucano. Nesse sentido, alguns alunos, por não entenderem o contexto histórico e social de algumas manifestações culturais, se sentem perdidos dentro de inúmeras formas estéticas de músicas e danças. Dependendo da comunidade em que ele esteja inserido, a questão cultural fica muito distante da sua realidade, então ele acaba vivenciando o que está no seu cotidiano, como por exemplo: o brega e o funk, onde a dança é totalmente voltada para os quadris e a sexualidade.

Nas aulas de arte, o frevo vem quebrar com o foco no quadril e desperta outras partes do corpo que precisam ser ativadas, como “tônus muscular” das pernas, a soltura dos ombros, o jogo com os braços e a sombrinha, as acrobacias, o domínio da respiração e a alegria contagiante da música, que faz com que o brincante se reconheça ancestralmente dentro da dança.

O frevo constrói laços de afetividade e cura para os brincantes, trabalhando o autoconhecimento corporal e o respeito ao outro dentro do jogo cênico. Dentro desse ponto, uso algumas técnicas da Educação Somática e do Método Feldenkrais que visa: “a realização pessoal a partir da integração de porções cada vez maiores do nosso potencial inato nas ações do dia-a-dia, onde agimos de acordo com nossa autoimagem e expressamos nossos potenciais”.

Alguns desses alunos vivem em situações desarmônicas com a família e não sabem o que é ter afeto e nem respeito. Dentro das aulas de arte, tento trazer ao máximo esse aluno para perto, usando a afetividade para curar e adentrar dentro da emoção do aluno, para que ele se reconheça como ser criativo e respeite o espaço cênico do seu corpo e do grupo. Muitos casos de depressão também são tratados através da arte, pois muitos alunos se envolvem em grupos nocivos que despertam a automutilação, o bullying e a baixa-estima.

Nesses casos, a atenção e o afeto do professor pode ter efeito curador, já que muitos adolescentes, por não poderem expressar suas emoções em seus lares, acabam expressando-as nas aulas de dança, transformando essa somatização de “dores” em arte.

A dança popular trabalha o resgate social, pois alguns alunos estão inseridos em contextos conflitantes da família com estado. Como em muitas escolas públicas, vemos que as questões financeiras fazem parte do contexto social, pois grande parte das famílias não tem trabalho formal, nem educação superior. A marginalização e o crime estão presentes no cotidiano desses alunos, pois algumas escolas estão localizadas no meio do tráfico de drogas e da violência, além de que alguns familiares são usuários ou comerciantes de drogas. Pensando nisso, alguns projetos são desenvolvidos na escola para que esse aluno esteja com seu tempo ocupado em práticas artísticas como a música, a percussão, o teatro e a dança.

Essas manifestações tradicionais fortalecem a experiência e a vivência de trabalhos estéticos do espetáculo, a construção coreográfica e o estudo do contexto histórico em que a dança está inserida. O trabalho da montagem do espetáculo a ser apresentado, faz com que o aluno adentre em um universo criativo de inúmeras possibilidades cênicas, desde a composição do figurino até a magia que acontece na maquiagem do frevo, onde usamos muito glitter e muita cor. Além do que, essas apresentações muitas vezes são as formadoras da estética artística dos pais do aluno, que não tem o hábito de ir à teatros ou mostras de dança. Eles se reconhecem nas apresentações dos filhos e isso é muito importante para a integração da escola junto à comunidade local.

FERVENDO O ESPETÁCULO

O Frevo é uma manifestação artística da cultura pernambucana, forma de expressão musical, coreográfica e poética. Em 2012, ele foi incluído na lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco, segundo dados do

IPHAN. Nessa dança estão inseridas diversas formatações cênicas como a celebração, a poesia, a espontaneidade do passista, o trabalho corporal, a luta de classes e a alegria que contagia o brincante. Dentro da escola, ele é geralmente vivenciado nas festividades do carnaval, mas alguns pesquisadores já questionaram a presença pedagógica da dança transcendendo as datas comemorativas.

Segundo Valéria Vicente (2009): “O mestre Nascimento do Passo (1936-2009), defendeu nos anos 80, a inclusão do frevo como disciplina curricular da rede estadual, com a inquietação de que o folguedo popular deveria estar presente em todo o ano letivo”. Essa ideia não foi bem aceita pelo poder público, pois teriam que contratar professores especializados na dança. Contudo, com o crescente número de professores licenciados em artes, essa ideia de pesquisa das danças brasileiras tem sido crescente no estado.

A inquietação vai além da questão da metodologia do passo ou da composição do espetáculo cênico em que o Frevo está inserido, mas da vivência pedagógica que essa manifestação trás para a vida do aluno que pratica a dança na escola, seja nas aulas de dança/teatro, ou nos projetos sociais que são recebidos nela. Cada aula de dança tem em si a potência de cura, pois quando o aluno adentra no processo, ele começa a entender o seu corpo, trabalha a respiração, ativa os “tônus muscular”, libera hormônios de prazer e é contagiado com a alegria da dança. Com a execução do movimento, o desequilíbrio emocional está se transformando de forma orgânica, hormonal e espiritual, melhorando a coordenação motora e facilitando o trabalho técnico do brincante.

Na prática do Frevo, esta liberação energética é imensa, pois é uma dança que requer muito esforço físico, por conta dos movimentos com saltos. Quando é executado com a música, ele eleva os padrões vibratórios, esvaziando todos os pensamentos a cada respiração e criando um ambiente energético de alegria.

Quando trabalho o frevo nas minhas aulas de





dança, para crianças e adolescentes das escolas de Jaboatão dos Guararapes, estou tocando na prática artística e na metodologia dos passos, mas principalmente na transmutação energética que acontece com a espontaneidade e alegria do movimento. Essa pesquisa, desenvolvida na escola, nos leva a reconhecer e reafirmar nossa ancestralidade cultural e manter viva a tradição do folguedo na contemporaneidade.

A tradição do frevo está registrada na memória coletiva do povo pernambucano que vai para a rua, tanto nas festas tradicionais como no Carnaval quanto nas agremiações e grupos que praticam a dança. A diversidade das músicas, a criatividade dos passistas, o colorido dos estandartes, fazem do Frevo uma conexão mágica com o espetáculo cênico de dança e poesia. A junção de vários aspectos históricos foi sendo construída através da ancestralidade do povo, com as bandas militares, capoeiras, os passistas e os brincantes que vão para a rua sem distinção de classes sociais.

Hoje, o Frevo tem 110 anos de história e vários grupos foram responsáveis por compor esse processo de formação e afirmação desse patrimônio. Destaco Nascimento do Passo com sua metodologia de repetição dos movimentos e construção de espaços técnicos como a Academia do Passo e a Escola de Frevo; O Balé Popular do Recife (1977) com os nomes de Ariano Suassuna e André Madureira; O Clube Vassourinhas, fundado em 1889; Maestro Capitão Zuzinha (1889) com a música Divisor de Águas; Nelson Ferreira (1902); Capiba (1904) com as músicas É de amargar e Madeira que cupim não rói. Na contemporaneidade destaco os lugares e grupos que produzem e divulgam o frevo em Pernambuco como: o Paço do Frevo; Guerreiros do passo; Brincantes da Ladeira; O grupo Grial e alguns Passistas-pesquisadores consagrados como Otávio Bastos, Gerinaldo José - O Homem da Sombrinha, Valéria Vicente, Flaira Ferro, entre outros.

A partir desse contexto de tradição, a escola vivencia a teoria e a prática do frevo em algumas aulas de arte, juntamente com algumas técnicas de educação somática. Sigo as metodologias

aprendidas na minha pesquisa como brincante há 10 anos e crio o seguinte procedimento nas aulas:

Início minhas aulas sempre com a organização do ambiente e a escolha da música para aquecimento. Sempre começamos com um alongamento corporal que dura em média 15 minutos com uma música mais lenta alongando todos os membros de baixo para cima; rotação nos pés, massagem na panturrilha, alongamento das pernas, soltura do quadril, alongamento dos braços esticando ao máximo, rotação das mãos, soltura dos ombros, alongamento da cabeça e “Enrolar e desenrolar” a coluna em quatro tempos. Depois vou para o aquecimento já com a música do frevo, começando pela respiração e chutes no ar, sempre saltando. Depois de um tempo de experimento, vamos aos passos básicos para a composição da malha coreográfica, que são: “Dobradiça, Tesoura, Pontilhado, Ponta de pé e calcanhar, Saci-Pererê, Faz-que-vai-mas-não-vai (Me segura senão eu caio)”.

Existem mais de 100 passos de frevo catalogados no livro de Nascimento do Passo, entretanto, a cada dia surgem novos passos com a brincadeira dos passistas na rua, junto aos blocos de frevo. E dentro da pesquisa na escola, apenas alguns desses passos foram experimentados.

A construção da coreografia é um momento muito importante da aula, já que ela é criada junto com os alunos, permitindo que eles possam opinar sobre a mesma. Tento começar com uma apresentação “A italiana (quando a apresentação é de frente ao público)”, por causa do próprio espetáculo. O improvisado na roda é sempre presente na coreografia, que é a hora em que eles expressam sua assinatura pessoal.

A música é escolhida de acordo com o número de participantes da cena, por exemplo: na festa da Pitomba, que é uma festa tradicional da cidade do Jaboatão dos Guararapes, a escola foi convidada para apresentar algumas cenas artísticas. Nós levamos o Frevo do Hino da Pitombeira de Olinda, música de Alex Caldas (1950). Os figurinos foram emprestados de

outras escolas para a maioria das alunas que não tinham roupa de frevo. A maquiagem foi feita com base e pó facial no rosto, muita sombra e muito glitter colorido. As sombrinhas foram doadas ao grupo da escola por alguns professores.

A apresentação foi feita durante o turno da tarde e a maioria das mães e pais puderam comparecer. Foi bastante rico ver que as famílias e a comunidade foram prestigiar esse espetáculo de rua. Elas estavam ansiosas e não paravam de dançar, por isso, tive que conversar sobre tudo o que nós construímos em sala de aula: a questão da respiração para acalmar e a consciência corporal no momento da execução da dança.

No decorrer do processo, era visível a alegria que essas alunas expressavam, ao se perceberem componentes da cena. A execução da dança aconteceu de maneira alegre e espontânea, como o frevo deve ser dançado. O improviso se fez presente dentro da coreografia e todos os aspectos abordados no processo foram concluídos com sucesso.

Hoje, as aulas de dança estão adentrando em outras linguagens como o coco de roda, o maracatu, a ciranda, o xaxado, o xote dentre outras danças brasileiras, utilizando os processos de educação somática e identidade cultural em algumas escolas do Jabotão dos Guararapes.

Em toda a pesquisa, trabalhar o frevo foi de máxima importância, pois manifestava a alegria nas vivências práticas. As mudanças proporcionadas foram visíveis, uma vez que todas as alunas se fizeram presentes no processo de consciência corporal e construção cênica. Algumas alunas se destacaram ao criar livremente coreografias e ousar nos improvisos. As notas, nas outras disciplinas, passaram a melhorar e conseqüentemente a relação com os outros professores. A satisfação na realização desse processo é enorme, pois “empoderar” culturalmente as pessoas desperta o senso de responsabilidade na mudança social que tanto queremos para o nosso país.



Alunas da Escola Luiz Lua Gonzaga - Jaboatão dos Guararapes - Apresentação na Festa da Pitomba 2017 – Frevo



(Alunas da Oficina de Frevo na Escola Luiz Lua Gonzaga - Jaboatão dos Guararapes – PE)

BIBLIOGRAFIA

MARQUES, Isabel. Ensino da dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2011.

FORTYN, Silvia.; Strazzacappa, Márcia (tradutora). Educação Somática: Novo Ingrediente da Formação Prática em Dança. <http://arteducacaoterapia.numin.org.br/educacao-somatica-novo-ingrediente-da-formacao-pratica-em-danca/>

STRAZZACAPPA, MÁRCIA. A Educação e a fábrica de corpos: A dança na escola. <file:///C:/Users/laysj/Pictures/Strapazaca%20Dança%20na%20escola.pdf>

STRAZZACAPPA, MÁRCIA. Dança na Educação discutindo questões básicas e polêmicas. <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/55/2648?journal=fef>

STRAZZACAPPA, Márcia.; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança. Papirus, 2006.
IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/62>

FERNANDES, IANE.; GURGUEL, LICURGO. O Ensino da Dança na Educação básica: Relatos de Professores da rede municipal de Natal. <file:///C:/Users/laysj/Pictures/Danca%20na%20educacao.pdf>

FREIRE, Ida Mara. Dança-Educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. http://profissional.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/435/danca-educacao.pdf

CALAZANS, Julieta.; CASTILHO, Jacyan Gomes. Dança e educação em movimento. São Paulo: Cortez, 2003.

MÖNDINGER, Carlos Roberto. Práticas Pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

BRASIL Lei Darcy Ribeiro. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

RANGEL, Lenira. Os temas do movimento de Rudolf Laban. Annablume, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

VICENTE, Ana Valéria. Entre a ponta do pé e o calcanhar: reflexões sobre como frevo encena o povo, a nação e a dança no Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009.

OLIVEIRA, Valdemar de. Frevo, capoeira e passo. Recife, Companhia editora de Pernambuco, 1985.